

# Pelo direito (ou seria desejo?) de ser Bio – capturado

**Resumo:** O ensino de ciências e biologia, ao ensinar sobre a “vida”, ensina também sobre corpos, e acaba por construir/reforçar o ensino de um corpo padrão, um corpo normal. Como a biologia, área de nosso interesse direto, vem contribuindo para demarcações de fronteiras? Entre os que são considerados patológicos e os normais, por exemplo? Entre os que podem “acompanhar o conteúdo” escolar sem “atrapalhar” e os que “dão mais trabalho”? Como constrói posições de sujeito ancoradas nas ditas verdades científicas? Este texto pretende tencionar a segurança das identidades que ocupamos, desnaturalizar as biocapturas que não param de nos dizer de lugares fixos, problematizar o possível engessamento que a vertente classificacionista da biologia possa gerar. Utilizando como empiria produções como filmes, instalações artísticas e matérias de revistas, propõe lançar outros olhares por sobre aquilo que afirmamos ser com muita veemência, desestabilizar algumas certezas que o ensino da vida, a Biologia, ajuda a fixar.

**Palavras-chave:** Identidade. Corpo. Subjetivação. Ensino de Biologia.

Começo agradecendo, claro, pelo convite e pela oportunidade de partilhar.<sup>1</sup> Espero que as palavras que organizei neste texto encontrem ressonância nos corpos aqui presentes. Ao saber o tema, me pus a pensar que aspecto escolheria para alargar, “lançar luz”.<sup>2</sup> Falar da delicada relação que as escolhas religiosas individuais provocam em sala? O clássico embate entre Criacionismo x Evolucionismo? Falar da invasão perscrutadora da medicina (moderna ocidental) nas escolas? Fazendo aparecer, ou inventando, diversas patologias nas quais nossos alunos (e nós mesmos!) poderíamos tranquilamente encontrar o “motivo” de nossos comportamentos? Resolvi pensar um pouco nas capturas e capturei o *Sporophila beltoni* para abrir a minha fala nesta tarde. E expandir o olhar sobre as Identidades (e as diferenças...) que nos constitui. Vi a imagem pouco tempo depois de receber o convite para participar da mesa-redonda, e desde então ela não para de me provocar pensamentos. Divido agora um pouco de minhas inquietações.

Geórgia de Souza Tavares  
Universidade Federal do Piauí  
georgiatavares@ufpi.edu.br

(1) A autora optou por manter as marcas orais neste artigo, pois ele é resultado de Palestra proferida na mesa-redonda “Sujeitos do Ensino de Biologia: religiosidades, patologizações, medicalizações e outras capturas contemporâneas”, no VII Encontro Regional de Ensino de Biologia – Regional 5 – Nordeste. Crato – CE, setembro de 2017.

(2) Todos os termos marcados com aspas duplas devem ser lidos com suspeição. Estão sendo usados, imitando seus usos corriqueiros, mas em tom irônico.

(3) Alguns termos escolho colocá-los com as iniciais maiúsculas para demarcar uma área de estudos consolidada. Assim farei com outros termos, como taxonomia, ciências, biologia.



**Figura 1: Carteira de Identidade do pássaro *Sporophila beltoni*, criada pelo artista plástico Walmor Corrêa**

Posiciono minha fala dentro dos Estudos Culturais,<sup>3</sup> que tem a constituição das identidades como um de seus principais pontos. Costa, Silveira e Sommer (2003) falam que os trabalhos dentro desta temática são melhor caracterizados por buscarem inspiração em diferentes teorias, por romperem certas lógicas cristalizadas e hibridizarem concepções consagradas. Pegando emprestado ferramentas de áreas diversas, proponho seguirmos pondo em suspeição o que temos por mais certo, atentos a essas invisíveis forças que nos produzem constantemente, que nos atravessam por todos os lados, vindo de todos os lados. Invisíveis por estarmos distraídos, ofuscados com tantas certezas, não que não se possa ver...

Olhando para este documento oficial que todos temos, a Carteira de Identidade, penso no corpo biológico que oferece uma singularidade – a nossa digital – para uma das portas de entrada na sociedade. Mas penso também que sob esse mesmo corpo pousam desejos de diluição, de ser Mesmo, de ser/estar na Média, aquela que a Ciência Moderna vem construindo cuidadosamente com o auxílio da estatística. Identidade e diferenças caminham juntas, pra que se possa agrupar pessoas em categorias sociais – com Déficit de Atenção, Católico, Autista, Hiperativo, Budista...-, é preciso demarcar o que as diferencia. Nesse jogo já podemos começar

a pensar que as dualidades, ou melhor, pluralidades, não se excluem, mas complementam-se no indivíduo. Não somos “isso OU aquilo”... somos isso, aquilo, aquilo outro... temos características de pluri-identidades!

Escolho a definição de identidade de Stuart Hall, que ao descrever três concepções de identidade que nos definiam ao longo de um tempo “recente”- os últimos 500 anos -, fala que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, ela é “[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”. (HALL, 2015, p. 11-12)

Mas ainda desejamos um confortável “eu” com fronteiras bem demarcadas nos “protegendo” dos outros. E quem é esse sujeito que deseja? Ou somos desejados (ou alguém deseja por nós)? Somos constituídos, continuamente, em relação com o que nos rodeia. Mas como? Para falar sobre a formação dos sujeitos, escolhi o filósofo Michel Foucault, que como bom praticante da suspeição, coloca em xeque até mesmo seus próprios conceitos. E abandona-os, ou reformula-os sem pudor.

O que posso dizer, sem “pesar” muito a fala, mas ancorando meu olhar, é que a constituição do sujeito passa pela invenção/descrição das posições de sujeito<sup>4</sup> - às quais os indivíduos vão se colocando, se permitindo subjetivar. Essas posições são como personagens, que têm suas características descritas por meio de práticas discursivas, no entrelaçamento do saber e do poder. Assim, por sobre o Louco, o Doente, o Professor, o Religioso, o Aluno-com a primeira letra maiúscula, indicando identidades que tem seus lugares na história, o que não quer dizer que são fixos-, são scoladas várias características às quais elencamos em fração de segundos, sem nos darmos conta, quase instantaneamente, ao ouvir cada palavra. Tornados objeto do conhecimento (saber) e investidos de práticas/técnicas (poder), vamos desejando seguros lugares das identidades.

Na série direcionada ao público infantil “Que monstro te mordeu?” podemos ler esses enunciados que são produzidos cada vez que são repetidos, criando/reforçando as posições de sujeito. No episódio 1 - “Humano ou Monstro” (Figura 2), temos a cena na qual a personagem principal, Lali Monstra, chega ao Monstruoso Mundo - ao ser desenhada por alguma criança na Terra -, mas

ela tem rosto de menina, o que gera desconforto e não aceitação à priori no grupo. O Dr. Z, monstro autorizado a classificá-la, que está na ordem do discurso da ciência, faz a descrição científica da personagem, lhe confere um nome científico, e a característica que a define é sua porção humana.

No episódio 2 – “Monstros não tem medo” (Figura 3), o Dr. Z afirma para a Lali Mostra que Monstros não têm medo, e ela tenta se convencer disso, se enquadrar, se posicionar nessa característica inerente da identidade que assumiu, se subjetivar. Não temer é um comportamento “normal” da posição de sujeito que o ser Monstro descreve, e para ser Monstro, a garota deve ocupá-la, mesmo que para isso tenha que negar seus sentimentos, suas singularidades.

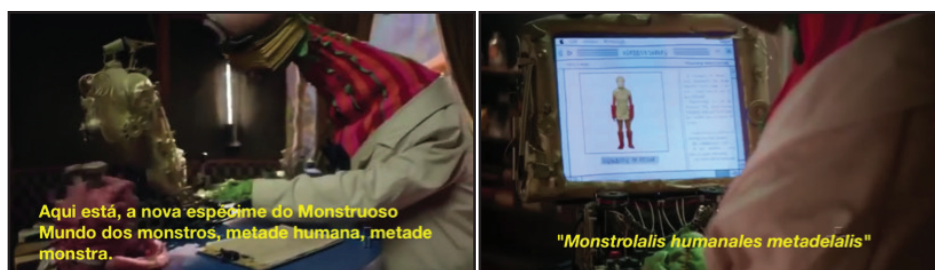


Figura 2

- a) Dr. Z em seu laboratório classificando a nova espécie de monstro
- b) Nova espécie de monstro classificada: *Monstrolalis humanales metadelalis*.

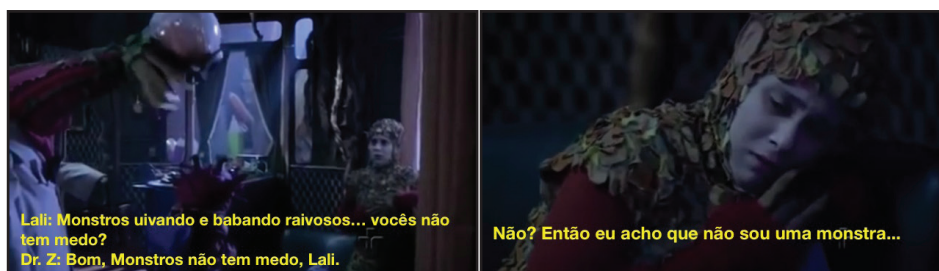


Figura 3

- a) Dr. Z afirmando que monstros não tem medo
- b) Lali, que julga não ter essa característica, teme não ser monstra.

Lali nos põe a pensar nos desejos de correção/direcionamento de comportamentos tidos como corretos ou em consonância com a(s) identidade(s) que assumimos. Olhando para a escola, ou de maneira mais abrangente, em todos os espaços que habitamos enquanto Alunos e Professores – olha as reivindicações de identidades!-,

quantas vezes não desejamos a certeza de um diagnóstico para nos isentarmos perante comportamentos indesejados em sala de aula, quando este comportamento faz parte da normalidade de algum diagnóstico? “ – Não tenho como fazer muita coisa, ele já foi diagnosticado...”. Ou ainda para que confortavelmente possamos olhar para os nossos comportamentos e termos explicações?

Não tenho a intenção de falar sobre “Inclusão Escolar”, nos aspectos da formação do professor, das disposições legais ou o acolhimento escolar. Quero mexer na certeza do diagnóstico e no possível engessamento que ele possa trazer. O ensino de biologia, ao ensinar sobre a “vida”, ensina também sobre corpos, e acaba por construir/reforçar o ensino de um corpo padrão, um corpo Normal. Então como a biologia, área de nosso interesse direto, vem contribuindo para essas demarcações de fronteiras? Entre os normais e os patológicos, por exemplo? Entre os que podem “acompanhar o conteúdo” escolar sem “atrapalhar” e os que “dão mais trabalho”? Como constrói posições de sujeito ancoradas nas ditas verdades científicas?

Logo no início do livro *Homo sacer – o poder soberano e a vida nua*, Giorgio Agamben (2010) fala que os gregos tinham dois termos pra falar da vida, *zoé*, a vida comum a todos os seres vivos e *bíos*, a maneira de viver de um indivíduo ou de um grupo. Assim como a taxonomia descreve os animais e as plantas do mundo, a *zoé*, mas o nosso ser social – *bíos* – é também classificado, descrevem-se, criam-se posições de sujeito nas quais desejamos nos enquadrar.

Não é de hoje que se busca na biologia, mais especificamente no corpo, argumentos e marcas “naturais” que ajudem a fixar identidades, diria mais, para hierarquiza-las. Sabemos que tudo acontece no corpo, ou hoje temos condições de possibilidade para pensar o corpo como uma superfície de inscrição dos acontecimentos (FOUCAULT, 1998), mas reduzir ao aspecto biológico é deixar de fora muita coisa!

Há “pouco”, entre os séculos XVII e início do XIX, as dissecações anatômicas foram forte aliadas na busca de características que justificasse a submissão de determinados seres humanos a outros. O louvor que podemos ver na cena que abre o filme “Vênus Negra”<sup>5</sup> em torno do naturalista Georges Cuvier, em nada se parece com a vida de Saartjie Baartman, o corpo dissecado, colocado abaixo dos normais pela sociedade. Indivíduos subjugados, vidas transformadas. Cuvier, um grande nome da História Natural, colhe os louros de

(4) Filme: *Vénus Noire*, de Abdellatif Kechiche. França/Itália/Bélgica, 2010.

sua vitória científica. Já Saartjie, uma africana que tinham algumas características física diferentes do suposto padrão europeu, morre, após ser exposta como “bicho” em jaula Europa a fora.

A Taxonomia possui uma grande força nessa época, como Foucault descreve em seu livro *As palavras e as Coisas* (2016). O que buscavam eram características estruturalmente visíveis, as marcas para a classificação e montagem do quadro natural dos organismos, Cuvier ainda se movia nesse terreno, embora seja considerado pelo autor com marco para uma mudança nos olhares, que passam a se direcionar cada vez mais para a função, a fisiologia. Com o escrutínio do corpo da Vênus Hotentote, que é humana, mas tem a estrutura do crânio muito semelhante a de macacos (Figura 4), Cuvier buscava provas para demarcar o lugar dos hotentotes. Gould (2004, p. 273) afirma que “[...] na escala racista do progresso humano, os boximanes e os hotentotes disputavam com os aborígenes australianos o degrau mais baixo, logo acima dos chimpanzés e orangotangos”.



Figura 4

a) Apresentação do corpo taxidermizado de Saartjie Baartman à comunidade acadêmica da França

b) Afirmação de Georges Cuvier, sobre a anatomia da Vênus Negra.

A hierarquização de seres humanos segundo suas características biológicas e culturais, estava dentro da normalidade de pensamento da época, pois se acreditava poder agrupá-los em raças diferentes. Se determinado grupo social não era considerado pelos cientistas como pertencentes à raça humana, então, com o aval da ciência, a exploração de seus serviços não era um ato moralmente condenável. Hoje essa mesma ciência não valida a utilização do conceito de raça para a espécie *Homo sapiens*. Mas esse aval científico se remete imediatamente em transformação dos comportamentos? Talvez quando pertinente.



Espero que trazer o “passado” num tema contemporâneo não seja encarado como fuga do tema! Se escolhi apresentar Saartjie é para que, como um espelho, nos permitamos ver nossas tentativas de, muito bem embasados cientificamente, validar ou invalidar comportamentos, classificar pessoas. Então, essas práticas fazem mesmo parte do passado? Ou ainda seriam atuais? Não teriam elas ganhado outras tintas e texturas?

No século XX, vemos crescer o controle sobre as taxas. Se a disciplina buscava no adestramento do homem-corpo, a maximização das potências do indivíduo, as práticas da biopolítica vão investir no homem-espécie, na sociedade. Foucault (2010) descreve esse processo em que o exercício de massificação, a produção de normas naturalizadas pela população é imprescindível ao seu controle. Os números demográficos aparecem, sabe-se quantos e como nascemos, crescemos, nos reproduzimos, morremos. Todas as fases do que se caracteriza como vida se dá à produção dos gráficos, das curvas.

Na verdade, o autocontrole é que se reforça com a determinação de padrões de comportamento. E agora o corpo se oferece para um controle ainda mais minucioso, são as taxas sanguíneas, os “valores” excretados, a porcentagem de gordura, de músculos... O que Ortega (2008, p. 31-32) nos diz, é que a realização rotineira desses exames nada mais são do que

[...]práticas ascéticas [que] implicam em processos de subjetivação. As modernas asceses corporais, as *bioasceses*, reproduzem no foco subjetivo as regras da *biossociabilidade*, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos, e estéticos na construção das identidades pessoais, das *bioidentidades*. Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, auto-vigia e auto-governa. (Destaque nos conceitos feitos por mim)

Cada um é que sabe a dor e a delícia [da competência] de ser o que se é! Ortega (2008, p. 37) vai chamar de *biossociabilidade* as novas formas de se agrupar as identidades, que “[...] se distinguem, precisamente, por deficiências a serem compensadas (deficiência da mulher frente ao homem, do negro frente ao branco, do gay frente ao heterossexual, do deficiente físico frente ao indivíduo fisicamente normal, etc.)”. Não se nega o indiscutível avanço nas políticas públicas advindas de movimentos como o feminista,

por exemplo, mas o autor continua afirmando que “[...] uma das consequências disso é o esquecimento de ideais sociais mais abrangentes”.

O foco nas marcas identitárias pode gerar exclusão. O que dizer, por exemplo, de uma negra que deseja participar do “movimento negro”, mas que escolhe usar em seu cabelo produtos químicos para alisa-lo? É no número de ondas de um cabelo que se marca o “nível de negritude” de alguém? Esse exemplo não foi inventado, ele aconteceu com alguém próximo. A assunção ou não de uma naturalidade vista como passaporte para autorizar a entrada em um grupo. Sugiro que sigamos exercitando o nosso crivo, pensando nessas exclusões que nos rodeiam, e que tomam como base o natural, o corpo, a biologia.

Assim como na Taxonomia se descrevem as espécies elencando características que as diferenciam e conseqüentemente as define, as posições de sujeito também possuem um *roll* de características a serem expressas pelo indivíduo que ali se colocar, tentando atingir qual um alvo, na qual moldamos comportamentos para que a seta chegue cada vez mais próxima do centro, do núcleo, de uma essência.

Nas atualizações dessas tentativas de determinar biologicamente comportamentos sociais, revistas de divulgação científica fervilham com assertivas sobre o que os estudos andam comprovando. Lembram que Stuart Hall falou acima? Que não é a biologia que define as identidades, e sim a história? Então, como podemos reduzir à UMA molécula aspectos tão complexos como a memória, o humor? Ou ainda colocar nas “mãos” de UM tipo de célula a chave da porta que abre para as “certezas definitivas” de comportamentos sociais também complexos como a aprendizagem, demência, depressão e esquizofrenia? (Figura 5). Tudo isso que envolve todo o corpo em constante relação? A centralidade explicativa da neurociência na determinação das doenças contemporâneas, pode ser pensada como uma renovação nos argumentos para a manutenção de um ‘eu’ dentro da cabeça. É a soberania cerebral!





Figura 5

- a) Capa da revista *Mente e Cérebro* de março/2017. Imagem feita a partir de exemplar adquirido pela autora.
- b) Capa da revista *Mente e Cérebro* de outubro/2016. Imagem feita a partir de exemplar adquirido pela autora.

Com a empiria que trago aqui vemos a materialidade dos enunciados ganhando forma em cada identidade desejada. Vemos como nos tornamos objeto do conhecimento, indivíduo objetivado, analisado em todos os parâmetros, com o devido estabelecimento das variáveis permitidas (quem ousa estar fora da curva?). Aquele ditado que fala para sempre “andarmos na linha” nos diz menos de uma linha reta em busca de um alvo, mas também, e mais, das linhas curvadas dos gráficos produzidos pela estatística.

Pensando nas linhas na escola, há sempre o desejo de que todos os alunos sejam iguais, como um efeito da disciplina (regras de comportamento) e das disciplinas (campos de saber). Todos já sabemos que as aulas devem ser pensadas e estruturadas levando-se em consideração que os alunos aprendem de formas diferentes e que devemos estar preparados para as mudanças de rota, para as emergências que brotam em sala. Mas corriqueiramente preparamos aulas mais para “serem dadas” do que ser efetivamente aprendidas.

E o que fazer com aqueles que escapam às tentativas de duplo disciplinamento? O professor agora conta com o auxílio de certo número de profissionais, para que a correção do comportamento dos desviantes os coloque nas linhas da norma. Psicólogos, Fonoaudiólogos, Terapeutas ocupacionais, Psiquiatras, dentre outros, serão então requisitados, entram em cena. A medicina – que está autorizada para falar quem é doente ou não – investe na escola, e a qualquer sinal de desvio da norma já se busca um diagnóstico.

Todos nos surpreendemos com os números cada vez maiores de casos de Autismo, Déficit de atenção, Hiperativismo... Longe

de querer questionar a validade ou não das classificações afinal, sou Bióloga que trabalha com Educação! Não estou, por tanto, “autorizada” a falar sobre tais assuntos), proponho o cuidado para não enquadrarmos as nossas singularidades, nossos desvios, em doenças, nos genes. Hoje os profissionais andam por sobre uma tênue linha, entre a agilidade em diagnosticar casos e começar um acompanhamento diferenciado, ou apressadamente concluir um diagnóstico apenas com a apresentação de uma característica, e acabar por aprisionar o aluno.

Além do grave aprisionamento que um diagnóstico possa trazer, digo no sentido identitário de definição de comportamentos, temos também a administração de medicamentos que cresce. Não esqueçamos que a indústria farmacêutica é uma indústria, que precisa manter (e expandir) sua rede de consumidores. Mas é bem mais fácil tomar um antiácido do que deixar de comer em excesso, ou tomar um analgésico e continuar dormindo tarde, sem descansar o suficiente. Da mesma forma, é bem mais fácil acalmar, medicar nossos alunos desviantes do que pensar em múltiplas estratégias.

A medicalização da sociedade vai além da administração de fármacos, que seria medicação. Santos (2017, p. 145) afirma que medicalização é “[...] um termo que engloba um conjunto de práticas (incluindo as discursivas) que se referem ao fato de se empregar conhecimentos biomédicos para explicar fatos não médicos”. Então, o que vemos é um processo que se instaura de não mais se questionar a escola, o método ou as condições de aprendizagem e de escolarização. Segundo Christofari, Freitas e Baptista (2015, p. 13) buscam-se na criança, especificamente “[...] em áreas de seu cérebro, em suas condutas e modos de expressão as causas das dificuldades de leitura, da escrita e conseqüentemente a justificativa para a suposta incapacidade de acompanhamento dos conteúdos escolares”.

Um filme interessante para pensarmos essas questões é *Somos todos diferentes*<sup>6</sup> que conta a história de um garoto que não consegue acompanhar os conteúdos da mesma forma que a maioria dos outros alunos de sua sala (Figura 6). Os professores reclamam, ele é visto como “problemático”, o que irrita, gera desconforto. A “culpa” pelo comportamento recai apenas por sobre Ishaan, um menino de nove anos, que carrega em seu corpo o descompromisso, a subversão. E para completar, seu irmão mais velho é um aluno exemplarmente na norma!



Figura 6:

**Sequência que mostra a professora pedindo que o aluno leia (a);  
o garoto avisa que as letras dançam, por isso não lerá (b);  
a professora insiste (c).**

Em reunião com os pais do aluno, professoras e diretora afirmam que Ishaam não é mais responsabilidade da escola, pois o aluno “repete o mesmo erro de propósito” (Figura 7). Apesar da boa vontade dos profissionais, eles não podem mais fazer nada, já que o aluno não cumpre sua parte. É mandado então para um colégio em regime de internato, e lá o novo professor de artes percebe que ele ‘tem’ dislexia (assim como o próprio professor) e resolve ajudá-lo. Essa é uma história com final feliz, se antes era um problema para a escola, rejeitado pelos alunos, no fim do filme ele passa a ser adorado por todos. Mas nem sempre é assim. Na vida real, talvez as cenas sejam menos coloridas.



Figura 7

**a) O aluno e os seus pais escutam a afirmação da professora  
b) Diretora da escolae isentando da responsabilidade.**

Concordo com Skliar (2003, p. 168, grifo do autor), quando afirma que “[...] portanto, não existe algo assim como o *deficiente* ou a *deficiência*. Existe, sim, o poder e o saber da invenção de uma norma. Existe, sim, a fabricação da deficiência”. De alguma forma todos somos deficientes à medida que sempre nos faltará algo para que atinjamos todas as normas. Algumas deficiências, hoje, caem nas malhas de normas, outras não. Ou ainda não? Quem nos garante que sempre seremos “normais”? Será que nossas deficiências ainda não foram descritas?

Se de Agamben (2010) peguei emprestado a primeira página, de Didi-Huberman pego a última. Ao ser indagado sobre o que é emoção, ele responde que muitos filósofos tem a atitude de começar

[...] constatando que alguma coisa está morta para então dizer: 'eis o que esta coisa é'. É fácil esperar que uma coisa esteja morta para dizer o que é. Isto se chama metafísica. Não é meu negócio, eu prefiro que Sócrates continue vivo, que a borboleta continue voando mesmo que eu não possa pegá-la em um pedaço de cortiça para dizer que a borboleta 'é' – decididamente – azul. Prefiro não ver completamente a borboleta, prefiro que ela continue viva: essa é a minha atitude quanto ao saber. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 62, grifo do autor)

De acordo com o pensamento do filósofo acima citado, o que é só pode estar **morto**. A biologia então se encarregaria de “matar” essa vida “biológica” (*zoé*). E nossa vida “social” (*bíos*)? Deixaremos – desejaremos – nos matar? Estando alheio às mudanças, às provocações, ao devir, nos fixando em um *é*? Nessas Identidades que nos dizem que somos?

E para encerrar volto ao início, à imagem que agenciou todos esses pensamentos que vos apresentei aqui. Coloco um questionamento: em qual campo de saber poderíamos, num golpe inicial, classificar a identidade do *Sporophila beltoni*? Taxonomia? Ciências Sociais? Arte? Sim, a imagem pertence aos domínios das Artes, faz parte da instalação homônima de Walmor Corrêa, que se diz um artista das vírgulas, pois se permite pensar as fronteiras. Ele fez todos os documentos legais de um “cidadão brasileiro” – Certidão de Nascimento, Carteira de Identidade, Passaporte, Atestado de Óbito – para este pássaro brasileiro que foi deixado como indigente em vala comum, uma conclusão do artista, no Museu de História Natural de Washington D.C.

Resumindo a história, o artista ganha uma bolsa de estudos da Fundação Smithsonian, que administra o Museu citado acima, e na mesma época uma espécie de pássaro brasileiro é reclassificado, antes considerada uma variedade da espécie *Sporophila plumbea*, este pássaro, por motivos que os taxonomistas conhecem bem mais do que eu, ganha o status de uma nova espécie, e William Belton é homenageado nomeando-a. Belton é americano, uma referência em ornitologia, e estudou bastante as aves do sul do Brasil, financiado também pela Fundação Smithsonian. Daí o artista, apaixonado

por aves e taxidermia, escolhe desenvolver seu projeto com a nova espécie de ave, e se desenrola uma história interessante que resulta em uma espécie de “repatriação” do exemplar encontrado literalmente no fundo de uma gaveta e sem o conhecimento oficial do Museu que à hospedava. Daí a importância e genialidade das relações cruzadas na instalação de Walmor, que imediatamente pensou nos vários brasileiros que buscam um estilo de vida que se aproxima do que conhecem por “Identidade Americana” – do Norte, especificamente a estadunidense, pois americanos todos somos. Brasileiros que são subjugados, explorados nessa tentativa de obter sucesso, dinheiro. Mortos.

Características que diferenciam o *beltoni* do *plumbea*, que conferem uma nova “identidade” à um grupo de aves. A certeza das classificações taxonômicas que estão em constante rearranjo. Identidades que podem ser qualquer coisa que não a fixidez. *Sporophila beltoni* e Saartjie, individualidades resgatadas pela arte, em meio à um turbilhão de identidades (e diferenças!) que a Ciência ajuda a reforçar. Tudo isso nos faz pensar no que somos, naquilo que afirmamos com muita veemência, com muito apego “- Sou ...”. E deixo livre para que cada um complete a frase com suas próprias identidades.

O que fizemos aqui foi um passeio panorâmico pela vertente “classificacionista” da biologia. Não foi close. Aqui temos vários pontos que poderíamos alongar, construir outros inúmeros textos e discussões. Mas penso que cumpro o que queria, inquietar, provocar a curiosidade, desestabilizar essa Biologia. Que esse “estudo DA vida” se tencione, e enverede mais por um estudo de vidaS!

## By the right (or would it be desire?) to be Bio - captured

**Abstract:** When it comes to teach about life, the teaching of science e biology also teaches about bodies and ends up building/reinforcing the teaching of a normal, standard body. How Biology (our direct interest area) have been contributing to set boundaries? For instance, between the ones considered pathological and normal? Those who can follow the school content without ‘disturbing’ and those who are “troublemakers”? Does it build subject positions anchored in the so-called scientific truths? This article intends to tremble the identities we occupy, denaturalize the “bio-catches” which never cease to tell us of cemented places, to problematize the possible plaster that the Biology categorizing strain may generate. Using a *sempiria* productions like films, artistic installations and articles of magazines, it proposes looking carefully to what we vehemently affirm to be, to unstable some certainties which the teaching of life - Biology, helps to preserve.

**Key words:** Identity. Body. Subjectivities. Biology Teaching.

## Por el derecho (o sería deseo?) De ser Bio - capturado

**Resumen:** La enseñanza de las ciencias y la biología, al enseñar sobre la vida, enseña también sobre los cuerpos, y acaba por construir/reforzar la enseñanza de un cuerpo estándar, un cuerpo normal. ¿Como la biología, área de nuestro interés directo, viene contribuyendo a demarcaciones de fronteras? ¿Entre los que se consideran patológicos y los normales, por ejemplo? ¿Entre los que pueden “acompañar el contenido” escolar sin “obstaculizar” y los que “dan más trabajo”? ¿Cómo construye posiciones de sujeto ancladas en dichas verdades científicas? Este texto pretende poner tensión en la seguridad de las identidades que ocupamos, desnaturalizar las “bio-capturas” que no dejan de decirnos de lugares fijos, problematizar el posible enyesado que la vertiente de la clasificación en la biología pueda generar. Utilizamos como *empíria* producciones como películas, instalaciones artísticas y materiales de revistas. Propone lanzar otras miradas por lo que afirmamos ser con mucha vehemencia, desestabilizar algunas certezas que la enseñanza de la vida, la biología, ayuda a fijar.

**Palabras clave:** Identidad. Cuerpo. Subjetividad. Enseñanza de Biología.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo, 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, May/Aug. 2003.
- CHRISTOFARI, Ana Carolina; FREITAS, Cláudia Rodrigues de; BAPTISTA, Cláudio Roberto. Medicalização dos modos de ser e de aprender. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1079-1102, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Trad. Cecília Ciscato, São Paulo: Editora 34, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (Org.). Trad. Roberto Machado, 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão, 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail, 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GOULD, Stephen Jay. *O sorriso do flamingo: reflexes sobre história natural*. Trad. Luís Carlos Borges, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaraci Lopes Louro, 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Medicalização e biopedagogias: uma possível agenda de estudos na articulação entre saúde e educação. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca Salazar (Org.). *Educação em um mundo em tensão: insurgências, transgressões, sujeições*. Canoas: Ed. ULBRA, 2017.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

#### FILMOGRAFIA

Série infantil: *Que monstro de mordeu?*. Direção: Arthur Warren, Gustavo Suzuki, Maria Farkas. Criação de CaoHamburgue. Produtores: Matias Mariani e CaoHamburger. Roteiro: Teodoro Poppovic. Elenco: Daphne Bozaski, Paulo Henrique Santos, Aguinaldo Rodrigues Feitosa, Hugo Picchi, Melina Menghini, Sidnei Caria. Formato de exibição 1080i (HDTV)– TV Cultura, Brasil, 2014.

Filme longa metragem: *Vénus Noire*. Direção: AbdellatifKechiche. Produtores: CharlesGillibert, NathanaelKarmitz, Marin Karmitz. Roteiro: AbdellatifKechiche. Elenco:Yahima Torres, AndréJacobs, Oliver Gourmet, ElinaL wensohn, François Marthouret, Jean-Christophe Bouvet, Ralph Amoussou. MK2 Productions/Lucky Red/ France 2 Cinémé (164min.) – França/Itália/Bélgica, 2010.

Filme longa metragem: *TaareZameen Par*. Direção: AamirKham. Produção: AamirKham, Kiran Rao, AjayBijli, SanjeevBijli. Roteiro: Amole Gupte. Elenco: DarsheelSafary, Aamir Khan, Tisca Chopra, VipinSharma, SachetEngineer, TanayChheda, M. K. Raina. (165min.) – Índia, 2007.

Submetido em: 17/05/2018

Aprovado em: 30/09/2018



